



ISSN 1981 - 3031

AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Deiseane Louise Santos Oliveira – (PPGE/UFAL)

Resumo

A preocupação com a temática surgiu a partir de uma prática interventiva em que atuei como bolsista de iniciação científica durante uma pesquisa¹ em uma escola da rede pública municipal de Maceió, com uma turma de pós-alfabetização, da 3ª fase do 1º Segmento do Ensino Fundamental de EJA. Após essa pesquisa, onde trabalhamos sobre o papel da mulher no mercado de trabalho e o posicionamento desses sujeitos em relação à temática surgiu uma inquietação em analisar as relações de gêneros nas práticas pedagógicas do 1º segmento da EJA. À luz da Pedagogia do Oprimido de Freire, partindo do problema central se as relações de gênero entre esses educandos podem ser explicadas através das relações opressor-oprimido explicitadas por Freire (2007) ao analisar a sociedade brasileira.

Palavras - chave: Educação de Jovens e adultos; Relações de Gênero, Opressor-Oprimido.

Justificativa da temática

A preocupação com a temática surgiu a partir das inquietações ao trabalhar como aluna de iniciação científica no período de 2008 a 2009 no grupo de pesquisas Teorias e Práticas na Educação de Jovens e Adultos². A pesquisa voltava-se à questão

¹ Pesquisa de Iniciação Científica intitulada: “A(s) diversidade(s) cultural(is) **no Livro Didático da Educação de Jovens e Adultos utilizado na Rede Pública Municipal**” desenvolvida por bolsistas do PIBIC/CNPq/PROPEP/UFAL, uma aluna do Mestrado em Educação Brasileira e coordenada pelas professoras do referido mestrado e líderes do grupo de pesquisa Teorias e Práticas em Educação de Jovens e Adultos da Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

² Pesquisa de Iniciação Científica intitulada: “A(s) diversidade(s) cultural(is) **no Livro Didático da Educação de Jovens e Adultos utilizado na Rede Pública Municipal**” desenvolvida por bolsistas do PIBIC/CNPq/PROPEP/UFAL, uma aluna do Mestrado em Educação Brasileira e coordenada pelas professoras do referido mestrado e líderes do grupo de pesquisa Teorias e Práticas em Educação de Jovens e Adultos da Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

como as diversidades socioculturais dos alunos do 1º Segmento do Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos – EJA - são tratadas nos gêneros textuais contidos nos Livros Didáticos? Esta pesquisa teve quatro etapas, a terceira etapa concluída em agosto de 2009, na qual atuei, tinha em um de seus objetivos intervir em práticas de letramento escolar de língua materna através da utilização de gêneros textuais que permitissem a professores e alunos perceberem a possibilidade de estabelecerem o diálogo entre as culturas. Sendo assim, a minha curiosidade surgiu a partir de uma prática de letramento ocorrido durante uma intervenção sobre o tema “o trabalho da mulher”. Nessa prática ficou explícita a concepção dos alunos sobre o papel da mulher no mercado de trabalho, uma vez que eles realizaram apresentações mostrando suas opiniões acerca do papel da mulher no mercado de trabalho. Mostraram-se inflexíveis ao afirmarem que “as mulheres deveriam ficar em casa e cuidar do marido e dos filhos. Percebi que seria necessária uma discussão mais aprofundada sobre a relação de gênero na EJA por entender que a educação constitui-se um espaço de discussão que permite esclarecimentos da igualdade de direitos entre homens e mulheres em uma perspectiva de modificar uma concepção alienada em relação à valorização da mulher na sociedade.

Deste modo, ficou explícito que na turma observada questões relacionadas a gênero humano ainda é pouco discutida nas salas de aula da EJA. Entende-se que para trabalhar com gênero humano no ambiente escolar é preciso concordar com Pinho (2007) para quem “o gênero como elemento constitutivo das relações sociais com base nas diferenças percebidas entre os sexos é uma forma primária de significar relações de poder, uma vez que tais diferenças se configuram como desigualdades”.

Nesse sentido, a escola deve estar atenta as práticas pedagógicas dos educadores com relação ao tratamento dos valores sociais junto aos alunos, levando-os a um reconhecimento de igualdade entre homens e mulheres.

Devido a estas questões, partindo do problema já mencionado, surgiram objetivos, que através deles, pretendo buscar respostas para o determinado assunto. Nesta pesquisa tenho como objetivo geral analisar as relações de gêneros que acontecem em práticas pedagógicas do 1º segmento da EJA de uma escola municipal de Maceió, através dos objetivos específicos que são analisar o tratamento entre homens e mulheres na escola *locus* de pesquisa; Analisar se há relação de dominação entre alunos da EJA; compreender como é o tratamento dado pela instituição a homens e mulheres nas relações existentes na escola; refletir sobre a EJA como caminho de discussão e libertação da condição de opressor e oprimido.

A metodologia que será utilizada

É uma investigação de natureza qualitativa, tendo como metodologia básica o estudo de caso. [...] O caso é escolhido porque há interesse em conhecer o que se passa numa específica situação [...] (ANDRÉ, 2005, p.24). Neste sentido, tratarei de investigar situações de ensino-aprendizagem em que se trabalhe ou não questões relacionadas à gênero que acontecerão na sala de aula observada, necessitando de técnicas e instrumentos que proporcionem um melhor estudo do referido objeto.

Sendo assim, utilizarei as seguintes técnicas de coleta de dados:

- ⦿ Levantar dados através da aplicação de questionários e entrevistas com os alunos da escola.
- ⦿ Observar e registrar aulas, no tempo máximo de 1 semestre na instituição com registros através de eventos de letramento de práticas pedagógicas.

Segundo Martins (2004, p.289), a pesquisa qualitativa se preocupa em analisar microprocessos, através do estudo de ações sociais individuais e grupais.

Neste caso, trataremos de investigar situações de ensino-aprendizagem que acontecerão em sala do 1º segmento da EJA, necessitando de técnicas e instrumentos que proporcionem um melhor estudo do referido objeto.

Com base em Gómez (1998), investigar um fenômeno educativo requer do pesquisador um modelo metodológico que respeite as peculiaridades desse objeto, principalmente, quando é a prática educativa.

Para realizar esse estudo de caso, recorreremos a André (1995), que aponta as seguintes técnicas de coleta de dados que são também usadas nos estudos sociológicos ou antropológicos, por exemplo: observação, entrevista, análise de documentos, gravações e anotações de campo. Para a realização da pesquisa utilizarei as seguintes técnicas:

- Visitas a instituição escolar com o objetivo de obter adesões e colher informações;
- Levantar dados através da aplicação de entrevistas com os alunos da escola.
- Observações e registros de aulas, no tempo máximo de 1 semestre na instituição com registros através de eventos de letramento de práticas pedagógicas.

Os participantes da pesquisa serão os alunos e uma professora de uma escola municipal do 1º segmento da EJA. Serão analisadas as aulas observadas e registradas através de eventos de letramento e análise das falas dos alunos através das entrevistas.

Porque trabalhar com gênero na EJA?

Entende-se por gênero “o conjunto de normas, valores, costumes e práticas através das qual a diferença biológica entre homens e mulheres é culturalmente significada”. (Pinho, 2003, p.54). A partir dos anos 70, estabeleceu-se um significado novo para a palavra Gênero, sendo utilizada para enfatizar o caráter social das distinções estabelecidas sobre o sexo. O gênero tornou-se uma forma de indicar “construções sociais” sendo o corpo biológico e sexuado uma justificativa para as identidades subjetivas dos homens e mulheres dentro das diversas culturas. Salienta ainda que o gênero como elemento constitutivo das relações sociais com base nas diferenças percebidas entre os sexos é uma forma primária de significar relações de poder, uma vez que tais diferenças se configuram como desigualdades.

A escola deve inserir no conjunto de suas práticas curriculares a questão de gênero, objetivando levar os sujeitos à conscientização das desigualdades entre homens e mulheres evidenciadas nas relações de dominação, subordinação submetida às mulheres, intencionando sua superação, transformando assim, as relações desiguais de poder na perspectiva da equidade de gênero. Entendida na acepção de Carvalho (2009, p.14) “equidade de gênero significa igual valorização de atributos considerados masculinos e femininos, seja na vida individual, seja nas práticas sociais”.

Ao tratar sobre a questão de gênero ratifico a idéia de Menezes quando afirma que

O gênero permeia então o cotidiano escolar, na medida em que os agentes nele envolvidos, não só as (os) alunas (os) e professoras (es), mas também as (os) demais funcionárias (os) e os familiares desses sujeitos, têm sua própria percepção das relações de gênero. Estas podem ser reforçadas, ou até mesmo aprendidas na escola, ou podem ser ponto de partida para reflexões que levem a uma maior equidade nas relações homem-mulher. (2008)

Neste sentido a afirmação acima citada leva aos seguintes questionamentos: como se dá essas relações de gênero na escola, especificamente na EJA? Será que existe

um opressor e um oprimido nessas relações? GOMES e COUTO dizem que “as questões inerentes ao gênero, entendida como categoria de análise que pressupõe o estudo do feminino e do masculino, portanto relacional, emergem fortemente nas interações do cotidiano apresentando-se como demonstrativo de poder, de dominação de um indivíduo sobre o outro”. Amparam-se em Scott (1990), ao afirmarem que “entende-se gênero como um cabedal de relações construídas pela cultura que usa a diferença biológica para fortalecer e consubstanciar desigualdades entre homens e mulheres”.

Refletindo nas afirmações apresentadas me remeto a Freire (1987, p.33) ao tratar das relações opressor e oprimido, afirmando que “há algo, porém, a considerar nesta descoberta, que está diretamente ligado à Pedagogia libertadora. É que quase sempre, num primeiro momento deste descobrimento, os oprimidos, em lugar de buscar a libertação, na luta e por ela, tendem a ser opressores também ou subopressores”.

Sendo assim, levando em consideração a turma observada, eles entendem que ser homens é ser opressor, não querem transformar a realidade vivida. Assim, tornar-se um “homem novo” é serem eles mesmos, mas num papel de opressor. Estes homens só terão liberdade a partir do momento que lutarem pelo *ser mais*, mesmo assim eles ainda temem essa liberdade porque tem medo de assumi-la. A superação dessa contradição em que se encontram os oprimidos traz ao mundo o homem não mais opressor-oprimido, mas um homem libertando-se. Libertando-se para que essa liberdade não seja mais um mundo fechado, mas uma situação que através da luta ele pode transformar. Dessa forma, os oprimidos devem lutar pela liberdade e não pela condição de opressor.

Fazendo a relação opressor/oprimido, voltando-se para as questões das relações de gênero na EJA novas indagações vão surgindo: quem oprime e quem é oprimido? Pode-se afirmar que na EJA existe um caminho para a discussão e libertação da condição de oprimido? Ainda hoje é a mulher o gênero discriminado e oprimido na nossa sociedade?

Para responder todos esses questionamentos pode-se dizer que os estudos de gênero irão contribuir amplamente para o reconhecimento dessas relações sociais o que pode provavelmente contribuir também para um melhor entendimento dos dilemas da nossa sociedade. Além disso pode-se dizer que, segundo Souza (2009, p.43)

[...] as desigualdades entre os dois sexos [...] não estão nas diferenças sexuais, mas nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação. O papel do gênero é o conjunto de expectativas em relação aos comportamentos sociais que se esperam das pessoas. Ou [...], gênero se refere, portanto, ao modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado contexto.

Desta forma, a escola deve tomar consciência, por ser um espaço de educação formal, responsável também pela transmissão, valores morais e estéticos contribuindo para a construção da identidade de gênero deve mostrar que, embora diferentes, as pessoas são portadoras de direitos e deveres iguais, vivem em comunidade e deveriam ter no respeito ao outro a melhor noção de convivência harmoniosa.

Observa-se que as relações de gênero nas salas de aula da EJA “são relações que discursivamente e que produzem relações de poder”. Desta forma, relaciono essas relações de poder à Freire ao tratar da Pedagogia do Oprimido, onde afirma que

[...] Toda ação que possa, mesmo incipiente, proporcionar as classes oprimidas o despertar para que se unam, é imediatamente freada pelos opressores através de métodos, inclusive, fisicamente violentos[...] O que interessa ao poder opressor é enfraquecer os oprimidos mais do que já estão, ilhando-os, criando e aprofundando cisões entre eles, através de uma gama variada de métodos e processos. (2006, p. 161).

Ao pensarmos sobre esse posicionamento de Freire, observamos que mesmo na EJA e na própria escola as relações de poder são produzidas, mas é lá que cada indivíduo deve ir a busca sua libertação, não se deixando oprimir de variadas maneiras, mesmo que esta seja uma opressão despercebida. Dessa forma, essa pedagogia é dos

homens por sua libertação, por isso não pode ficar distante dos oprimidos, uma vez que estes vão libertando-se do mundo da opressão e vão buscando na práxis sua transformação, fazendo com que esta pedagogia deixe de ser do oprimido e passe a ser dos homens em processo de permanente libertação.

Portanto, ao pensarmos nessas relações de gênero na EJA, ratificamos a idéia de Pinho (2006, p.17)

O reconhecimento da igualdade entre mulher e homem é uma idéia que deve ser garantida na prática rompendo preconceitos sexistas tanto na sociedade como na escola, mais precisamente tudo que se relaciona dentro do âmbito escolar como o material didático, a organização escolar, as avaliações, as apresentações, o currículo e o discurso docente. O mascaramento das contradições, a discriminação de gênero a representação de papéis sociais, o silêncio e omissão são armas poderosas para retardar transformações sociais.

Refletindo sobre essas questões, percebe-se que a escola também é um local que desempenha o papel de agente transmissor de valores, devendo, então está atenta à posturas inconscientes dos educadores e freqüentes tratamentos dados diferenciadamente a homens e mulheres durante suas práticas pedagógicas.

Contudo, Os Parâmetros Curriculares Nacionais reconhecem que a construção do que é pertencer a um ou a outro sexo se dá pelo tratamento diferenciado para meninos e meninas, inclusive nas expressões diretamente ligadas à sexualidade, e pelos padrões socialmente estabelecidos do feminino e do masculino (BRASIL, MEC/FEF, 1998). Portanto, a preocupação em estudar a temática das relações de gênero na Educação de Jovens e Adultos, reconhecendo-se a necessidade de estudar a construção educacional da iniquidade de gênero nas relações educacionais.

[In] Conclusões



ISSN 1981 - 3031

Ao se trabalhar com questões de gênero na sala de aula pode-se inferir que os sujeitos envolvidos no processo podem perceber a importância de trazer para seu cotidiano questões que podem levá-los a refletirem sobre seus posicionamentos e concepções em torno da igualdade entre homens e mulheres.

Podemos levar não só os educandos, mas a escola como um todo a perceberem que, de acordo com Menezes *apud* Carvalho

[...] a problemática de gênero na escola não se limita apenas ao acesso ou desempenho escolar de alunos (as). Na verdade, esse sistema educacional, aparentemente não discriminatório, oculta, por exemplo, a sutileza de mecanismos que reforçam a desigualdade de gênero, como a gramática sexista; a polarização de gênero no livro didático; a divisão por sexos dos jogos e exercícios, etc. (2003).

Sendo assim, constata-se que para se trabalhar com gênero vai além de suavizar os problemas como, por exemplo, o desempenho dos sujeitos, mas desvelar questões que ocorrem implicitamente no próprio âmbito escolar.

Contudo, o estudo do gênero é um “conceito relevante, útil e apropriado para as questões educacionais”. Souza (2009) ratifica esta idéia assegurando que “a escola é um espaço onde se constroem sujeitos e onde eles atuam. A escola é um lugar onde diversas relações se estabelecem todos os dias: homem – mulher, professor (a) – aluno(a), diretor(a) - funcionários”.

Referências

ANDRÉ, Marli E. D. A. **Estudo de Caso em Pesquisa e Avaliação Educacional**. Brasília: Líber, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GOMES, Carla Rezende; COUTO, Maria Aparecida Souza. **Identidade e Representação de Gênero no Cotidiano Escolar: a construção das diferenças**, 2008.



ISSN 1981 - 3031

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 5 ed, Petrópolis. Rio de Janeiro, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero: Questões para a Educação**. 34 ed. FCC. São Paulo, 2002.

MENEZES, Cristine Souza de. **As Relações de Gênero no Processo de Escolarização de Alunas da Educação de Jovens e Adultos**. Recife – PE < > disponível em: WWW.fundaj.gov.br/licitacao/relacaodegenero, acessado no dia 06 de outubro de 2009.

PINHO, Maria José Souza. **Abordagens de gênero e educação: estratégia para a igualdade e liberdade**. In: Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, 2007, Maceió-AL.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Educação Formal, Mulher e Gênero no Brasil Contemporâneo**. Rev. Estud. Fem. [online]. 2001,vol.9 [acesso 15 junho 2010], p.515-540. Disponível em [HTTP://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-126X2001000200011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-126X2001000200011&lng=pt&nrm=iso).

SANTOS, Elza Ferreira. **Mulheres entre o lar e a escola: os porquês do magistério**. Ed. Annablume. São Paulo, 2009.